

A RELAÇÃO ENTRE A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

ALUNO: JEANTY PARNEL

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar alguns elementos básicos da trajetória reflexiva das filosofias de libertação na América Latina nas últimas décadas e fazer a relação da teologia da libertação entre a filosofia da libertação na América latina. **Podemos dizer ambas se encontram marcadas dentro de uma ligação pensamento da libertação.** Segundo este modo de apresentar suas relações, se intenta compreender a semelhança e analogia entre esses dois saberes, cuja função e preocupações se comparem. **Para a filosofia latina- americana é o pensar sobre os problemas do povo do continente americano ou tende á interpretação da voz latino-americano é um movimento novo e antológico na história da filosofia humana.** Enquanto a **teologia** da libertação é o resultado do processo histórico, político, social e econômico que aconteceram especialmente na América latina. **A teologia da libertação é resposta é problemática pastoral da Igreja, especialmente colocada no contexto latino-americano, em que luta pela libertação constitui uma exigência fundamenta do Evangelho e uma antecipação de reino de Deus.**

Palavras chaves: Libertação, Humanidade, Oprimido, Político.

1- O QUE É A FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO LATINO – AMERICANA

A Filosofia da Libertação Latino-americana é um movimento filosófico surgido na América Latina, entre os anos 1960 e 1970, como correlato filosófico da Teologia da Libertação ou da Pedagogia do Oprimido. **A Filosofia da libertação é uma práxis libertadora do oprimido, uma filosofia da libertação do homem enquanto homem.** Segundo Dussel o objetivo da filosofia da libertação, é libertar o homem e seu pensar do caráter dominador e inferiorizado. A tarefa da filosofia da libertação é educar o povo buscando despertar uma consciência crítica. Portanto a prática primeira de uma filosofia da libertação parte de uma reflexão humana radical, do homem enquanto homem.

Filosofia da libertação com a possibilidade de construir uma filosofia latina- americano se une concreta e conscientemente á tarefa de romper com o modo de filosofar que tem imposto a cultura ocidental. Essa filosofia pretende assim formular uma metafísica que não é ontologia. Exigida pela práxis revolucionária e pela poiesis tecnológicas, a partir da formação social periférica que se estrutura em maneiras de produção complexamente entrelaçadas.

A filosofia da libertação relacionadas com a América Latina e por analogia a outras nações, de outros continentes, que sofrem todo tipo de dominação e que aspiram a um modo de vida dentro da perspectiva histórico e concreto (**Sirio Lopez pag.5**).

1.1 A GÊNESE DA FILOSOFIA AMÉRICA LATINA

A filosofia latino-americana se inicia do zero, sob o aspecto autóctone, pois a cultura indígena não se constituiu em base de nossa reflexão filosófica, nem possuía uma tradição com pensamento elaborado. Diferentemente da europeia, a filosofia latino-americana não nasceu do apoio da comunidade histórica básica, ou do fundo popular do espírito dos povos indígenas. A filosofia latino-americana vive em seus inícios (e ainda hoje!) da tradição europeia, que em sentido próprio é estranha ao continente. Por isto estudar a filosofia latino-americana significa mais estudar a presença da filosofia ocidental em nosso continente, do que o estudo de uma filosofia gerada no ambiente espiritual tipicamente latino-americano.

O movimento da filosofia da libertação, constituído a partir do II congresso nacional de Filosofia (Córdoba), nasce com uma proposta clara e explícita: a elaboração de um filosofar em situação: pretende ser uma nova linha de reflexão que surge em um contexto histórico-cultural, em que aflora a necessidade de repensar criticamente, a partir da América Latina, toda a história do continente. O primeiro resultado desse intento está bem representado e documentado no número monográfico que a revista *Nuevo mundo*, em 1973, consagra ao problema da constituição de uma filosofia latino-americana.

2- O QUE É A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A expressão “teologia da libertação”, já mostra o sentido norteador deste discurso teológico. O genitivo que aparece na expressão citada libertação, mostra-nos que a libertação é o horizonte regulador do discurso acerca de Deus, e, ao mesmo tempo, mostra-nos que o Deus do discurso é fonte de libertação. Esta se manifesta concretamente nos diversos momentos do processo histórico de um povo. Consequentemente, a teologia da libertação torna-se força geradora de ações que viabilizam uma práxis libertadora, segundo as necessidades advindas das diversas circunstâncias sob as quais um povo está submetido.

A teologia da libertação é um movimento teológico que quer mostrar aos cristãos que a fé deve ser vivida numa práxis libertadora e que ela pode contribuir para tornar esta práxis mais autenticamente libertadora (MONDIN, 1980, p. 25). Neste sentido, o cristão é impelido a viver a práxis libertadora nas diversas épocas da história.

A teologia da libertação surge na América Latina no século XX como uma reflexão sobre o papel que a Igreja no continente e suas relações com o poder. Isso levanta a questão do papel que a pobreza joga na frente, questionando sobre as circunstâncias em que se encontram os sujeitos que dirige. Os teólogos deste período, católicos e protestantes, assumiram a libertação como paradigma de todo fazer teológico. Vejamos o quadro social da América Latina no período originário da teologia da libertação.

2.1- NASCIMENTO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A teologia da libertação nasceu da influência de três frentes de pensamentos: o Evangelho social das Igrejas norte-americanas, trazido ao Brasil pelo missionário e teólogo presbiteriano Richard Shaull, a teologia da esperança, do teólogo reformado Jürgen Moltmann, e a teologia política que tenha como seus grandes expoentes o teólogo católico Johann Baptist Metz, na Europa, e o teólogo Batista Harvey Cox, nos EUA. Há uma série de eventos que precederam o nascimento da teologia da libertação:

1952: O missionário presbiteriano Richard Shaul chega ao Brasil trazido o Evangelho social e cria estreita relação com os pastores presbiterianos Rubem Alves e Jaime Wright. 1964: O teólogo reformado Jurgen Moltmann publica sua obra teologia da esperança.

O marco do nascedouro da teologia da libertação está na publicação, de Rubem Alves, que tenha o título de Teologia da Libertação, criticando a teologia metafísica de uma forma geral e propondo o nascimento de novas comunidades de cristãos animados por uma visão e por uma paixão pela libertação humana e cuja linguagem teológica se tornava histórica.

A primeira participação católica no lançamento da Teologia da Libertação foi à publicação da Teologia da Revolução, em 1970, pelo teólogo belga radicado no Brasil José Comblin. Em 1971, Gustavo Gutiérrez publicou Teologia da Libertação. Somente em 1972, Leonardo Boff surge no cenário teológico com a publicação de Jesus Cristo Libertador. Como Rubem Alves estava asilado nos EUA neste período, Boff passou a ser o mais conhecido representante desta corrente teológica que vivia no Brasil, devido à proteção recebida pela ordem dos franciscanos, à qual ele pertencia.

3- RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NO LATINO-AMERICANO

Em muitos ambientes, acadêmicos ou não, veicula-se a ideia de que filosofia e teologia da libertação são o mesmo discurso ou, estrategicamente, o preconceito de que a filosofia da libertação é cristã demais, por parte de alguns ou marxista demais, por parte de outros. E assim já fica liquidada a discussão.

Evidentemente o contexto, no qual surgiram à teoria e práxis libertadora é o mesmo. Por volta dos anos '60 o ser latino-americano é compreendido a partir da binômica dependência libertação. A primeira expressão teórica desta interpretação essencialmente política do ser latino-americano aparece no campo das ciências sociais teoria da dependência. Outras expressões, marcadas por esta teoria, se desenvolvem, a partir de '68: no campo da educação, a "pedagogia do oprimido" (Paulo Freire); no campo da teologia: Gustavo Gutierrez e outros teólogos latino-americanos elaboram a "teologia da libertação". Ela utiliza, em nível de mediações analíticas as ciências sociais e teve o grande mérito de se confrontar com o marxismo e os seus desafios; mas o ponto de partida, o horizonte e a práxis libertadora encontram o seu significado profundo a partir da fé cristã. A teologia é "intellectus fidei", caracterizada por um determinado espaço histórico e cultural. A TdL tenta responder a este desafio: como acreditar em Deus num continente, marcado por extrema pobreza e exclusão social? Acreditamos no Deus de êxodo e no do Faraó? A fé e a práxis do cristão o que tem a contribuir com o processo de libertação dos pobres latino-americano?

A filosofia da libertação nasce e se desenvolve no mesmo contexto, mas com categorias próprias e no horizonte da racionalidade. Salazar Bondy pode ser considerado o precursor imediato da problemática, no livrinho: Existe una filosofía de nuestra América? (1968), retomada por L. Zea e por um grupo de jovens filósofos argentinos, os quais na revista "Nuevo Mundo" debatem a questão da filosofia latino-americana, dando origem ao movimento da filosofia da libertação, que ultimamente, sobretudo per

mérito de E. Dussel se impôs ao diálogo da filosofia européia e norte-americana. A filosofia da libertação marca uma ruptura ou corte epistemológico com a filosofia ocidental, sobretudo na versão do cogito moderno, conquistador e portador exclusivo do logos: "até poucas décadas atrás, uma minoria da humanidade possuía o logos e os outros o tomavam emprestado" (Sartre).

A primeira tarefa da filosofia da libertação é a de esclarecer e justificar, na sua originalidade, esta tomada de posição fundamental, que é também uma escolha de vida. Ela coloca no coração da pesquisa filosófica uma escolha de justiça e de solidariedade - sente-se a influência do maior pensador ético do nosso século: E. Lévinas - a alteridade negada -, decididamente antagônica à que inspira atualmente a organização da sociedade e do mundo. Ela se coloca numa sociedade onde o povo não é sujeito de sua história e num mundo onde, a maioria dos povos ainda não alcançou a condição de sujeito libertos e autônomos.

A filosofia da libertação origina-se, portanto da estreita relação entre o polo existencial, subjetivo e o polo político, objetivo, da busca e da libertação; entre projeto de vida e projeto de sociedade. Como bem expressa E. Dussel: Não negaremos então a razão, mas a irracionalidade da violência do mito moderno; não negamos a razão, mas a irracionalidade pós-moderna; afirmamos a "razão do Outro" rumo a uma mundialidade transmoderna.

CONCLUSÃO

A minha conclusão ficaria com algumas palavras sobre a filosofia e teologia da libertação. Para dizer que, tanto a teologia e filosofia da libertação, as duas tem um ponto comum, porque as duas têm quase as mesmas objetiva olhar o surgimento das duas se vê essa diferencia entre ambas. Posso dizer que a filosofia da libertação foi a partir de suas origens ligadas à Teologia da Libertação. As ideias de que a filosofia da libertação é idêntica à teologia da libertação, sempre esteve lá e é difícil de fazer sair dos espíritos (mentes). Eu acho que é absolutamente necessário para separá-los. Eles aparecem ao mesmo tempo, sob a mesma intuição. Posso dizer fazer filosofia em uma práxis libertadora do oprimido, uma filosofia da libertação do homem enquanto homem, filosofia em Dussel, libertar o homem e seu pensar do caráter dominador e infernizado. A filosofia libertação é educar o povo buscando despertar uma consciência crítica. Parte de humo reflexão humana radical, do homem enquanto homem.

REFERENCIA

Clodovis Boff, Teologia e prática : teologia do político e suas mediações, Petrópolis, Vozes, 1978

Castro-Gómez Santiago, La hybris del punto cero. Ciencia, raza e Ilustración en la Nueva Granada (1750-1816), Bogotá, Instituto Pensar, Universidad Javeriana, 2007.

Castro-Gómez Santiago, La (pos)colonialidad explicada a los niños, Popayán, Universidad del Cauca, Instituto Pensar, Universidad Javeriana, 2005. Castro-Gómez Santiago, Grosfoguel Ramón, El giro decolonial : reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global, Bogotá, Siglo del Hombre, 2007.

Dussel Enrique, 1492 : el encubrimiento del otro. El origen del mito de la modernidad, La Paz, Plural, 1994.